



A criação de 1968 a partir de imagens das revistas *Veja* e *Manchete*: comunicação, memória e história ¹

Ana Cristina Teodoro da Silva ²
Universidade Estadual de Maringá – PR

Resumo

Os anos de 1968 e 1969 foram marcados, no Brasil, como o período de aprofundamento do regime militar, caracterizando-o como ditadura, com o ato institucional n. 5 e a censura à imprensa. Este período foi analisado a partir das sínteses das principais revistas semanais do país de então: *Manchete*, *Veja* e *Isto é Senhor*, utilizando principalmente o espaço/tempo mais concorrido, denso e exposto dos semanários, suas imagens de capa. Aqui será apresentada a parte da pesquisa que relaciona imprensa, imagens, memória e história. Questiona-se como a imprensa relê o passado, como se apropria de uma memória, mudando seus sentidos de acordo com a identidade conveniente ao tempo presente. Mais especificamente, como *Manchete* e *Veja*, em suas edições comemorativas, re-significam o conturbado período do final da década de 1960.

Palavras-chave: memória; história; *Veja*; *Manchete*; anos 1960

Os anos de 1968 e 1969 foram marcados, no Brasil, como o período de aprofundamento do regime militar, caracterizando-o como ditadura, com o ato institucional n. 5 e a censura à imprensa. Em 1989, vivíamos o primeiro processo de eleições diretas para presidente da república após a ditadura, eleição fundamentalmente marcada pela oposição entre propostas consideradas de direita, centro ou esquerda, e pela mediação da televisão. Ambos os períodos foram analisados e comparados, a partir das sínteses das principais revistas semanais do país de então: *Manchete*, *Veja* e *Isto é Senhor*, utilizando principalmente o espaço/tempo mais concorrido, denso e exposto dos semanários, suas imagens de capa. ³

Aqui será apresentada uma parte desta pesquisa, que relaciona imprensa, imagens, memória e história. Questiona-se como a imprensa relê o passado de acordo com interesses do presente, como se apropria de uma memória, mudando seus sentidos de acordo com a identidade conveniente ao tempo presente. Mais especificamente,

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares, do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014, Intercom Sul, Unisul.

² Professora do curso de Comunicação e Multimeios. E-mail = prof.anauem@yahoo.com.br

³ SILVA, Ana Cristina Teodoro da. *Temporalidades em imagens de imprensa*. Capas de revistas como signos de olhares contemporâneos. Maringá: Eduem, 2011.



como *Manchete* e *Veja*, em suas edições comemorativas, re-significam o conturbado período do final da década de 1960.

Se um leitor procurar conhecer os anos de 1968 e 1969 pelo que foi sintetizado nas revistas, saberá que a cada ano ocorria o concurso de misses e a disputa pelo carnaval carioca, cobertos pela revista *Manchete*. Em 1968 e 1969, sobressaiu a novidade da corrida pela "conquista do espaço", que pareceu sossegar quando o homem pisou na lua. Tanto nas capas de *Manchete* quanto de *Veja* podemos identificar a ansiedade em saber o que daria esta novela da vida real. Outra história compareceu de forma mais sutil, gerando mais ansiedade porque não tinha data para terminar: a ditadura militar e suas seqüências imprevisíveis, os atos institucionais, as danças pelo poder dentro da Academia.

O calendário oferece matéria a ser organizada pelas revistas. Os rituais de morte e renascimento vividos a cada fim de ano são aproveitados para que ocorram sínteses das sínteses. O anseio por explicação no encerramento de ciclos está presente de forma ampliada nos finais das décadas e, mais ainda, no fim do século e do milênio. As revistas iriam produzir edições especiais prontas a estabelecer o sentido do que foi e a apontar perspectivas ao futuro que começava.

O padrão de apresentar sínteses ao final dos ciclos anuais é seguido por *Veja*. Já *Manchete* produziu edições especiais de acordo com seu próprio calendário: na edição 1000, na edição 2000, e quando resolveu – em parceria com alguns governos - fazer o Brasil importante através de suas páginas. Tanto *Veja* quanto *Manchete* comemoram os 10, 20 e 25 anos da revista, propagandeando elas próprias o seu papel no cenário nacional.

As sínteses reelaboram a memória. Uma nova edição dos fatos do passado é efetuada, e a eles é dada uma outra roupagem, de acordo com a conveniência do presente. Assim *Manchete* pode, hoje, passar uma imagem de meio crítico ao regime militar, pois suas sínteses em relação à ditadura incorporam críticas, apesar de, à época, ter sido conservadora. E *Veja* pode recuperar a memória do tempo em que era uma revista combativa no contexto da história do país e da própria imprensa para tentar associar a identidade de combatividade do passado a um presente em que é considerada conservadora.

Resulta desse esforço uma proposta de organização do tempo bem como o perfil das imagens que os meios desejam para si através da manipulação da memória, movimentando imaginários e alterando a identidade do próprio meio; enredos são



mantidos, alterados ou silenciados, de acordo com a identidade que se quer. Tais sínteses não deixam de ter coerência, porém, tem-se menos uma perspectiva do passado, e mais uma perspectiva de como são produzidas as sínteses, como reelaboram o passado, como colaboram para constituir a lembrança sobre determinada época.⁴

Em 1968, *Manchete* lança uma edição especial, com direito à edição extra em língua inglesa, que foi gentilmente distribuída a líderes e governantes estrangeiros. Na capa, além da referência em grandes tipos vermelhos “EDIÇÃO ESPECIAL”, o título foi “RETRATO DO BRASIL”⁵. Na concepção de *Manchete*, um retrato é a realidade. A utilização da palavra “retrato”, que remete à iconicidade da fotografia, é bastante significativa no contexto da revista, que quer mostrar a realidade através das imagens.⁶ Este número foi tão procurado que a editora Bloch providenciou uma segunda tiragem.

Outra edição especial de *Manchete*, agora em 1969, traz o título “PROGRESSO DO BRASIL”. O título é um libelo da linha editorial dessa revista: o Brasil estaria escalando rumo ao topo inevitável. Está bem de acordo com os anseios militares de apostar em um caminho ordeiro e seguro para o desenvolvimento de uma nação unida, aguerrida, patriótica.⁷ A imagem do ‘progresso’ é o Congresso Nacional, prédios ao meio, prato com a boca para cima em primeiro plano. Ao fundo, céu azul com tenras nuvens brancas, dia ensolarado no planalto central. Se o Corcovado representa o Brasil, Brasília representa a modernidade, o Brasil que tem força e progride, para êxtase de um sempre homenageado Juscelino. No instante da fotografia, um fusquinha esperançosamente verde adentra a construção; ao mesmo tempo em que serve de escala à grandiosidade do monumento, idealiza a presença popular.

Em edição histórica também de 1969, anuncia-se na tarja um mapa completo, com “as duas faces da lua”. A fotografia que toma a capa de *Manchete* é muito significativa no contexto. A legenda esclarece: “no módulo lunar, Armstrong e Aldrin deixam a lua. A Terra aparece no horizonte.” O solo lunar toma mais da metade da capa. Flutuando sobre ele, a engenhoca que levou os pretensos representantes dos humanos. Acima, o céu é escuro, brilhando apenas a metade de um planeta Terra. A

⁴ A memória está sempre aberta para a lembrança e o esquecimento; sempre atual, gera identidades, é absoluta. Já a história é reconstrução sempre problemática e incompleta, é crítica e relativa. Ambas vivem em uma tensão necessária, em que uma não se reduz à outra. Para a diferenciação entre memória e história, ver NORA, P. Entre memória e história - a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo, *Projeto História*, n. 10, dez. 1993.

⁵ MANCHETE, Retrato do Brasil, 1968.

⁶ Para Susan Sontag, as imagens, no século XX, funcionam como invenção ou mesmo substitutas da memória. SONTAG, S. *Ensaio sobre fotografia*. Tradução de José Afonso Furtado. 5. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

⁷ MANCHETE, Progresso do Brasil, 1969.



imagem coloca em perspectiva a grandeza do planeta. Lendo-a e observando como somos um acidente no espaço, um milagre, imagem e títulos ficam contraditórios. O título porém induz o olhar a uma perspectiva de conquista, de colonização.

Essas imagens das capas das edições acima situam o entendimento de história de *Manchete*, associado a progresso. Um monumento representa o Brasil; uma grande ação merece uma edição histórica. As figuras mostram os anos sessenta da perspectiva da revista nos mesmos anos sessenta.

Fé, esperança, otimismo inabalável estão nas páginas de *Manchete*, em enormes fotos de duas páginas que exaltam principalmente edificações da tecnologia moderna, sempre explicadas por textos candentes, emotivos, românticos, dramáticos, que enaltecem a coragem e o empreendimento do bom brasileiro, de quebra fazendo publicidade de empresas que colaboram com esse espírito. Tome-se como exemplo o texto sobre Brasília, sintetizada no título da reportagem como “A IMAGEM DE UMA GRANDE NAÇÃO”.

Numa noite de agosto de 1883, São João Bosco teve uma de suas famosas visões. Em sonho percorreu por muitas milhas terras inexploradas. Entre os paralelos de 15° e 20”, viu um leito muito largo e muito extenso, partindo de um ponto onde um lago se formara. Diante da paisagem majestosa, uma voz profetizava, com insistência: “Quando escavarem as minas escondidas no meio destes montes, aparecerá aqui a grande Civilização, a Terra Prometida, onde correrá leite e mel. Será uma riqueza inconcebível.” Isso, concluía João Bosco, acontecerá na terceira geração. Três gerações depois, a 16” de latitude sul, no planalto antes deserto e junto ao lago, nasceu Brasília, a capital brasileira.⁸

E a reportagem segue falando que a cidade “brotou de terra virgem” onde nem estradas havia; feita com “poesia e amor”, demonstra “como os brasileiros sabem responder com vitalidade ao desafio de seu vasto território”. O texto, hoje, se auto-explica por seu surpreendente ufanismo. As imagens chocam os olhos com tal esplendor de modernidade, de eldorado. A integração nacional é ainda um problema, e os brasileiros precisam estar cientes de que “caminhos asfaltados levam a Brasília e conduzem os brasileiros em sua marcha acelerada para a ocupação do Oeste.” Sabemos que a propaganda surtiu efeito.

A contra-capla da edição traz de novo foto de Brasília, que é o grande símbolo do que se quer para o país. O título do último texto é “Da realidade de Brasília irradia-se

⁸ MANCHETE, Progresso do Brasil, 1969, p. 9.



uma decisão e uma esperança”. Seu último período fala de “uma decisão fundada em bases sólidas, construídas em quase cinco séculos de História da nossa pátria.”⁹

As estradas asfaltadas simbolizam uma grande bandeira de nossa “evolução”. O título de outra reportagem é “TODAS AS ESTRADAS LEVAM AO PROGRESSO”, e não estão sendo construídas quaisquer estradas, mas “magníficas estradas asfaltadas”, como diz o texto.

A Petrobrás é enaltecida, “graças ao petróleo, o Brasil dispara na corrida da prosperidade,”¹⁰ e o Rio de Janeiro é mostrado como exemplo de domínio da natureza. As grandes fotografias casam natureza e urbanidade, grama e viadutos.

“(…) Sobre as linhas sinuosas da paisagem e o traçado dos bairros que cresceram sem planejamento, espremidos entre os morros, os arquitetos rasgam *free-ways* e os paisagistas recriam a natureza a seu modo, em gramados e jardins.”

“(…) Sem dúvida, o Rio é uma inspirada obra de Deus, mas o engenho dos homens tem ajudado muito.”

Exploração mineral através das estatais – com publicidade ao lado, do grupo Votorantim; aviação nacional; ferrovias; construção naval; longa atenção à questão do carro nacional; comunicação; educação; a arquitetura dos prédios e estádios de futebol. BNH, COHAB e poupança para conduzir o brasileiro ao sonho da casa própria. “A confiança na política habitacional está reconduzindo os brasileiros ao hábito da poupança...” Elementos da receita que o Brasil quer ditar. Então o diretor Murilo Melo Filho escreve o texto intitulado “o milagre brasileiro”, enaltecendo os caminhos desenhados por militares, esclarecendo o objetivo da publicação.¹¹

Mesmo na propaganda, que toma boa parte da edição, está presente o arrufo patriótico. O Banco Induscred de Investimentos destaca em uma imagem os contornos do Brasil no globo terrestre, com o seguinte texto:

TAMANHO É DOCUMENTO, SIM SENHOR! Um país com 8.511.965 km² de riquezas naturais domina seus horizontes e cresce verticalmente em todos os setores de atividade, integrando-se de sua enorme responsabilidade para com o futuro dêste planeta. O gigante está em pé!

⁹ MANCHETE, Progresso do Brasil, 1969, p. 322.

¹⁰ MANCHETE, Progresso do Brasil, 1969, p. 53.

¹¹ MANCHETE, Progresso do Brasil, 1969, p. 175 e 206/7.



Não é sem razão que alguns são saudosos da ditadura militar. Repetiu-se tanto tal discurso que em uma verdade se tornou, forjando parte do imaginário nacional, tendo por resto a sensação de que algo deu errado. Compare-se tal espírito com o presente na capa de *Isto É Senhor* de 1989, cujo título é uma visível chacota aos militares, “ninguém segura este país”, enquanto ao fundo uma poça d’água com a forma do mapa do Brasil escorrega por um ralo de banheiro.¹² Tais capas representam também dois momentos de nosso imaginário: por um lado, esperança e fé; por outro, desencanto e pessimismo.¹³

Na edição comemorativa do nº 1.000 de *Manchete*, em 19 de junho de 1971, o título na capa é um enorme “nº 1000”, com três fotos dos fatos considerados marcantes no período. Uma do Congresso em Brasília; outra de uma comemoração de gol da seleção brasileira, referência à conquista do tri-campeonato mundial, e um astronauta na lua. Esta é a imagem que mais interessa aqui, pois, dos anos privilegiados nesta análise, foi a que mereceu estar na capa de uma síntese dos mil números da revista. A chegada à lua está presente em todas as sínteses do século. Tem sido, de fato, uma imagem predominante no imaginário de nossa história recente, constantemente lembrada como grande feito.

O objetivo deste número é recordar “os grandes momentos” dos quase 20 anos de vida da revista. Dentro da revista, quatro páginas de reportagens falam de 1968. Nas duas primeiras, uma ampla foto em preto do branco do corpo de Che Guevara, observado por três homens. Título: Em 1967 morreu Che Guevara e em 1968 Luther King. No texto, lê-se que “grande agitações” marcaram 1967 e 1968. É feita referência a

Chamada Rebelião de Maio, que abalou a França em 1968, (...) em Paris, explodiu o movimento chefiado por Daniel Cohn-Bendit, cujas repercussões haveriam de se propagar para outras capitais, inclusive do campo socialista. No Brasil, Carlos Mariguela abriu o ciclo do terrorismo. Alguns desses movimentos ainda mantêm suas chamas acesas, mas de outros só restam cinzas ou documentação histórica.¹⁴

Movimentos estudantis e Mariguela como *terrorista* são lembrados. Nas outras duas páginas, destaque para o casamento de Jacqueline e Onassis, em foto ampla que já fora capa da *Manchete*. O título nesta página é “o novo casamento de Jackie foi mais

¹² ISTO É SENHOR, n. 1026, 17 mai. 1989.

¹³ Lucileide Cardoso trabalhou com memórias de 1964 e percebeu a existência de perspectivas as mais díspares e mesmo contraditórias: a defesa da “revolução” de 64 e sua condenação; auto-críticas e o entendimento que houve resistências heróicas. A autora mostra como o contexto de produção da narrativa interfere na memória apresentada do período. CARDOSO, L. Construindo a memória do regime de 64. In. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 14, n. 27, 1994.

¹⁴ MANCHETE, n. 1000, 19 jun. 1971, p. 13.



notícia do que o homem na Lua”, que mostra mais o prestígio dessa mulher na época do número mil do que propriamente o que mereceu maior destaque em *Manchete*. Nas fotos menores, presentes a posse de Nixon (1967), astronautas na lua e a invasão soviética em Praga.

Na comemoração do n. 2.000 de *Manchete*, em 1990, empreende-se a tradicional retrospectiva dos grandes fatos que a revista acompanhou. No que diz respeito a 1968 e 1969, há uma grande fotografia de Martin Luther King, comparando-o ao papa João XXIII, ambos “símbolos de fé”. King, no texto, é lembrado como “Prêmio Nobel da Paz na sua luta contra o racismo que lhe custou a vida.”¹⁵ A fotografia de boca feminina com uma pílula no lábio inferior é retomada. A pílula, ao lado de Chico Mendes, são considerados “símbolos de nosso tempo”. Tais seleções de fatos dizem-nos muito mais sobre o que ainda é preocupação em 1990 do que propriamente de seus supostos anos de origem. Comparem-se os fatos aqui colocados como relevantes e os que foram destacados nas edições dos anos sessenta.

Murilo Melo Filho escreve reportagem sobre a Guerra do Vietnã, com a autoridade de um dos poucos repórteres brasileiros que testemunharam a guerra. Três páginas foram dadas à memória da guerra, enfatizando no subtítulo o fato de que “*Manchete* foi a única revista sul-americana a testemunhar o conflito no Sudeste Asiático”. O tom do texto é de testemunho pessoal, destacando os perigos que sofriam os jornalistas em Saigon.

Dentre as fotografias “que fizeram história”, uma lembra 1968. Pequena, em preto e branco, traz Costa e Silva doente, deitado, de mãos dadas com sua esposa. Os campeões de capa de revista, segundo ela própria, são Luíza Brunet e Roberto Carlos – “casal 20 das capas”. Além de Roberto, dos presentes em 1968/9, são sumidades das capas Elizabeth Taylor, Jacqueline Kennedy e Sophia Loren. As coberturas do carnaval também são retomadas como destaque. O casal Evandro Castro Lima e Marlene Paiva, vencedores de concursos de fantasias luxuosas em 1968 e 1969, reaparecem em página inteira.

Manchete faz uma seleção dos fatos importantes ocorridos ano a ano, de 1952 a 1964. Então acumula o período 1965 a 1974 em uma retrospectiva intitulada “o grande salto rumo à lua”. Foto colorida de Armstrong na lua toma uma página e meia da revista. Segundo o texto, o homem

¹⁵ MANCHETE, n. 2000, ago. 1990, p. 20.

(...) Deu um gigantesco pulo no espaço e foi à Lua. A transformação da ficção científica em realidade transcendeu a tudo, no período 1965-1974. Era, sem tirar nem pôr, a conquista de um admirável mundo novo. Do ponto de vista brasileiro, foi um período duro. Anos de chumbo, a vida a ferro e fogo. (...) ¹⁶

A julgar pelas retrospectivas da imprensa, 1968 e 1969 têm como grande imagem o homem na lua. O sentimento de viver um filme de ficção, do domínio do espaço e da natureza foi muito forte. Neste sentido *Manchete* é mais uma voz no coro de deslumbrados com as perspectivas que a conquista espacial parecia mostrar. O paralelo feito, no campo das imagens, com o que se vivia no Brasil em 1969, ocorreu através de uma fotografia em preto e branco de uma fachada de prédio vigiada por dois militares. Esta foto tem vinte vezes menos o tamanho do destaque a Armstrong na lua.

Mais adiante, são mostradas fotografias do que seriam os fatos mais relevantes de 1968. Acima, quatro imagens. Na primeira, dois homens fazem um pronunciamento, na frente de um microfone onde se lê “a voz do Brasil”. Pela legenda sabemos ser o início do AI-5. As outras fotos trazem um atleta subindo as escadas de um estádio carregando a tocha olímpica; o presidente americano Nixon sendo saudado por uma multidão, e a Rainha Elizabeth II discursando ao lado do presidente Costa e Silva, em sua viagem ao Brasil.

Na página ao lado esquerdo, o destaque é para uma fotografia de ônibus incendiados, caminhões de soldados e tanques de guerra em meio a uma avenida. A invasão russa em Praga, conforme esclarece a legenda. As outras fotos da página direita trazem uma esquelética criança negra, representando a “fome de Biafra”; Robert Kennedy assassinado; o casamento de Jacqueline Kennedy e Aristóteles Onassis – em foto que fora capa da revista - e, abaixo, duas pessoas que morreram no ano, Stanislaw Ponte Preta e Assis Chateaubriand.

O texto dará o encaminhamento do olhar em relação às fotografias. Violência no caso do assassinato de Kennedy e na invasão de Praga, comparada às ações dos estudantes de Paris. O AI-5 é tratado como um ato da “Revolução”. ¹⁷

Cinco fotografias em cada uma das duas páginas que sintetizam 1969. À esquerda, todas são coloridas. Ao centro, retrato da primeira-ministra de Israel; Sharon Tate, atriz assassinada à beira da piscina, em foto que foi capa; cena de filme de Glauber Rocha premiado em Cannes; John Lennon e Yoko Ono deitados em uma cama e Vera

¹⁶ MANCHETE, n. 2000, ago. 1990, p. 278/9.

¹⁷ MANCHETE, n. 2000, ago. 1990, p. 286/7. Nesse ponto a revista guarda coerência. Em 1990 perde público mas não deixa de apoiar 1964.



Fischer recebendo o cetro de miss Brasil. Golda Meir, Lennon e Glauber não mereceram capa em 1969 em *Manchete*, embora estejam aqui ressaltados.

À direita, fotos em preto e branco. Pelé em campo com o número mil escrito com bolas, imagem comemorativa de seu milésimo gol; Israel mais uma vez, o estadista Bem Gurion conversando com Costa e Silva; Costa e Silva, que quase nunca aparecia em imagens nas capas de *Manchete*, aqui está em mais uma fotografia, agora sentado doente em uma cadeira. Leila Diniz, vestida de baiana, e Caetano Veloso compõem outras duas fotografias.

O texto ressalta que “doença de Costa e Silva entrega o Brasil ao comando de uma junta militar”. Para além do critério sempre discutível da seleção de acontecimentos que vão representar um ano, outra questão. É ostensivo que o considerado importante nesta retrospectiva não mostra o que a revista enfatizou em 1969, sem que se discuta o porquê. Altera-se a identidade da revista, como se desde sempre tivesse dado destaque aos fatos agora enfocados.

Misses e moda aparecem, juntas, em meras quatro páginas desta síntese, como a desmentir a enorme atenção que tiveram nas duas mil revistas. Música e teatro são tratados à parte, em outras quatro páginas para quatro décadas. Dezenas de páginas são preenchidas com o providencial turismo ecológico, que propagandeia estados parceiros da imprensa.

O privilégio dos que são considerados grandes fatos políticos aparece também no jornal francês *Le Monde*. Em síntese que compreende a década entre 1963 e 1973, o que mereceu constar a respeito do Brasil de 1968 e 1969 foi um enfrentamento entre estudantes e policiais, em abril; o fechamento do Congresso e a promulgação do AI-5, dando plenos poderes ao Marechal Costa e Silva; o AI-10, reforçando medidas repressivas; a privação de direitos políticos de cidadãos; a doença de Costa e Silva; a posse do general Garrastazu Médici.¹⁸ O enfoque é diferente. O *Le Monde* não tem nada a perder por divulgar como quiser o que ocorre no Brasil.

Comemorando 25 anos, *Veja* não fugiu à retrospectiva. Dentre as fotos que dialogam com os textos, a publicidade de *Veja* publicada pela revista *Realidade* e a famosa imagem da pegada do homem no solo lunar.¹⁹

¹⁸ JUNQUA, D., LAZER, M. (dir). *Dossiers e documents du Monde. L'histoire au jour le jour*. Paris, Le Monde, 1986. Tome III, Les printemps éphémères. p. 119.

¹⁹ VEJA, 25 anos – retrospectiva de um quarto de século, n. 1311, 27 out. 1993.



Trazendo impressas todas as suas capas, a edição destaca o confronto entre policiais e estudantes; as manifestações após a morte de Edson Luis Souto; o AI-5; o fechamento do Congresso Nacional e o Tropicalismo. São destacados também: Nixon; o musical Hair; a visita da rainha Elizabeth; o casamento de Jacqueline Kennedy e outros.

Para 1969, o grande destaque é o homem na lua. Destacam-se ainda os guerrilheiros trocados pelo embaixador americano; a doença de Costa e Silva; a junta militar e Médici. E ainda: Woodstock; Pasquim; o assassinato de Sharon Tate; Beto Rockfeller; Jornal Nacional; Cacilda Becker; Beatles; MPB; gol mil de Pelé.

Na edição de 30 anos, o que marca a primeira década é a imagem do homem na lua (foto com a bandeira dos EUA). A organização da retrospectiva foi feita dividindo-se o período em três décadas. Dentre as fotos, duas de 1968, em preto e branco. Uma traz a reunião de líderes comunistas e a outra Jacqueline Kennedy nua. De 1969, uma foto de Woodstock. No texto, Mario Sabino destacou bastante o ano de 1968.

(...) Mesmo neste recôndito pedaço do mundo, o Brasil, a Guerra Fria deu o tom predominante aos acontecimentos. Em 1968, data de lançamento de VEJA, o endurecimento do regime militar brasileiro, com a edição do AI-5, alimentou organizações de esquerda que resolveram pegar em armas contra a ditadura, numa reprodução tropicalizada e romântica do conflito entre americanos e soviéticos. Até os festivais de música popular brasileira se contaminaram com o espírito da Guerra Fria, na batalha sem tréguas entre “puristas” e “americanizados”. “É esta juventude que quer tomar o poder? Como, se vocês ainda estão planejando matar amanhã o velho que já morreu ontem?”, bradava o cantor Caetano Veloso, em 1968, vestido de hippie, a uma platéia de esquerdistas que exigiam letras politicamente engajadas.²⁰

Na edição especial que enumera os cem fatos "que mudaram o milênio", o ano de 1969 comparece no 33º lugar, com a chegada à lua.²¹

Em 1999, em caderno especial intitulado "o século da imagem", a *Folha de S.Paulo* destacou, com uma grande fotografia colorida, o astronauta Edwin Aldrin caminhando na lua. O fundo é escuro e o solo lunar está coberto de pegadas humanas. Ao lado, a bandeira dos Estados Unidos. A escolha desta foto para representar o feito da “conquista da lua” poderia parecer irritante, pois destaca o símbolo patriótico dos Estados Unidos. Talvez o texto ao lado esclareça a opção.

No total, o programa Apolo, que levou cinco outras tripulações ao solo lunar, custou US\$ 128 bilhões, em valores atuais. Os efeitos

²⁰ VEJA, *Especial 30 anos*, n. 42, 1998, p. 25.

²¹ VEJA, *Especial do Milênio*, n. 51, dez. 1998.

práticos do programa são ainda hoje discutíveis. Mas a viagem valeu muito mais como espetáculo e como prova – eram tempos de Guerra Fria – da superioridade dos Estados Unidos sobre a União Soviética.

22

Já se faz possível a visão crítica dos artifícios da Guerra Fria. Outra grande fotografia publicada do período capta um momento em Saigom, em que um policial vietnamita está em primeiro plano, na rua, sendo observado por um militar e aponta um revólver para a cabeça de um vietcong com as mão nas costas. O vietcong usa roupas simples, camisa xadrez, seu rosto está voltado para a câmara, a boca sangra contorcida, encolhe-se para o lado esperando o tiro. A proximidade do fotógrafo sugere pose; talvez os guerrilheiros já estivessem jogando com a presença de repórteres.

Na mesma página, abaixo, outra imagem famosa. Carros virados na rua são usados como barricadas no bairro Quartier Latin, em Paris. Ao lado, John Lennon e Yoko Ono posam sobre uma cama, sentados de pernas cruzadas e segurando rosas. Na parede, lê-se “paz e amor”.

Na grande retrospectiva que *Veja* preparou, quase uma dezena de imagens compõem a colagem que abre a matéria especial sobre o século XX. Dentre elas, a de uma pegada no solo, que sabemos ser o lunar. Em meio a “alguns momentos marcantes do processo de construção da democracia” no Brasil, temos, em 1968, o fechamento do Congresso Nacional pelo AI-5.²³

A retrospectiva tradicional, década a década, é utilizada no item “invenções”, com “idéias, inventos e descobertas que mudaram o mundo”. Aparecem, em 1969, a chegada do homem à Lua e a criação da Internet - que à época não teve destaque. Item com matéria sobre o espaço, com fotografia da pegada no solo lunar, é intitulado “a maior das aventuras – o homem chega à Lua e descobre que é um cisco no universo”. Pode-se estranhar, então, o fato de que seis bandeiras dos Estados Unidos foram deixadas na Lua.

No item comportamento, fotografia de Woodstock, jovens sentados na grama, em primeiro plano, casal cabeludo em pose que lembra um pré-ritual de acasalamento. Dentre as celebridades, Jacqueline Kennedy é colocada como a mulher mais imitada do mundo.

²² FOLHA DE S.PAULO, O século da imagem, 9 dez. 1999, p. 7.

²³ VEJA, n. 51, 22 dez. 1999.



A "conquista da lua" é o evento considerado mais surpreendente do século XX, um evento tecnológico. Compare-se à análise de nosso mais intenso encontro humano, na perspectiva de Todorov.

(...) a descoberta da América, ou melhor, a dos americanos, é sem dúvida o encontro mais surpreendente de nossa história. Na "descoberta" dos outros continentes e dos outros homens não existe, realmente, este sentimento radical de estranheza. Os europeus nunca ignoraram totalmente a existência da África, ou da Índia, ou da China, sua lembrança esteve sempre presente, desde as origens. A Lua é mais longe do que a América, é verdade, mas hoje sabemos que aí não há encontro, que esta descoberta não guarda surpresas da mesma espécie. Para fotografar um ser vivo na Lua, é necessário que o cosmonauta se coloque diante da câmera, e em seu escafandro há um só reflexo: o de um outro terráqueo. No início do século XVI, os índios da América estão ali, bem presentes, mas deles nada se sabe, ainda que, como é de se esperar, sejam projetadas sobre os seres recentemente descobertos imagens e idéias relacionadas a outras populações distantes. O encontro nunca mais atingirá tal intensidade, se é que esta é a palavra adequada.²⁴

A eleição da chegada à Lua como o evento do século tem muito a nos dizer sobre a relação prepotente do homem com a natureza, sobre a confiança no conhecimento científico e na tecnologia, sobre o poder da propaganda de uma nação que busca liderar o mundo e acredita-se representante da humanidade. Curiosamente, o homem não se voltou para a imensidão do universo que se descortinava, mas voltou-se para a Terra, achando-a pequena, sob domínio.

As coincidências presentes nas sínteses de 1968 e 1969 sugerem o que rememora o período. Sugerem também uma concepção de história que incorpora o progresso, a evolução dos homens, o destaque a personalidades. A própria forma seqüencial das retrospectivas produz um argumento de causa e efeito pontuado por grandes feitos. A existência das sínteses fundamenta um tempo otimizado, em que se estabelece o importante, deixando para trás o que não é revisitado como grandioso. Rapidamente temos um panorama do passado que não está para trazer o passado de volta, mas para ratificar os valores e a marcação rítmica do presente.

A imprensa é um dos suportes materiais do sistema simbólico chamado tempo. O pulsar da mídia reitera um determinado tempo que sincroniza a sociedade. "Para afirmar e reafirmar o símbolo 'tempo', a mídia não apenas adota as imagens calendárias

²⁴ TODOROV, T. *A conquista da América*. A questão do outro. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 4.



e/ou cronológicas do dia, da noite, da tarde, do período, da jornada e do jornal, da folha e da folhinha, como ritualiza suas aparições, suas formas e seus formatos, acentuando-lhes a função sincronizadora.”²⁵

A função da sincronização é dar acolhimento ao sujeito que quer se informar do mundo na angústia do presente. A astúcia das imagens e do poder de síntese da grande imprensa está em usar códigos que procuram a medida certa do esforço tranquilizador. De tempos em tempos, como vimos, a diacronia é recuperada, os ganchos com o passado são lembrados, como a forjar as garantias de uma explicação enraizada. Porém, o sentido que oferece é fragilmente sustentado. Por vezes basta uma perspectiva diferente para que se recue como que diante de uma ameaça. Em uma *Veja* de janeiro de 1969, há duas fotos da Terra: a foto à direita mostra a América do Sul em sua posição tradicional; a foto à esquerda mostra a Terra do Fogo, usualmente ao sul, apontando para o norte. O contexto é de surpresa e novidade com as fotografias tiradas de fora da terra. Mino Carta escreve na "Carta ao Leitor":

(...) para que possamos entender a foto sem dificuldade e compará-la com os mapas, a posição certa é a da direita. Assim, a foto foi publicada, há duas semanas, por muitos jornais e revistas de todo o mundo. Mas houve também jornais e revistas que a publicaram como aparece à esquerda, ou mesmo com a Terra do Fogo apontando estranhamente para leste ou oeste. No entanto, todos os semanários de informação, incluindo *Veja*, saíram com a foto na posição lógica (...). Para *VEJA*, cada ilustração tem de ficar dentro das intenções e do espírito que compõem o seu norte. Isto é, a cada foto, a cada mapa, a cada desenho ela atribui um papel definitivamente informativo: a imagem deve informar com rapidez e precisão e, integrada com o texto e as demais ilustrações, deve ajudar o leitor a colher os significados mais profundos dos acontecimentos.²⁶

Ansioso por se defender dos adversários, Mino Carta recusa o ‘estranho’, em nome de uma ‘lógica’. Ousa dizer qual a ‘posição certa’ para se entender a imagem. Informar com rapidez e precisão não é sinônimo de profundidade, necessariamente. *Veja* foi pega de calças curtas pela autêntica novidade que a imagem trazia, e que não soube ler a tempo. A última palavra da imprensa é pelo que se conhece. Guarda-se a norma a favor de uma comunicação que se quer objetiva. Não somos educados a lidar com o diferente.

²⁵ BAITELLO Jr, N. *O animal que parou os relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia*. São Paulo: Annablume, 1999. p. 100.

²⁶ *VEJA*, n. 21, 29 jan. 1969, p. 11.



Referências

- ALMANAQUE ABRIL, *Brasil dia-a-dia*. São Paulo: Editora Abril, 1990.
- BAITELLO Jr, N. *O animal que parou os relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia*. São Paulo: Annablume, 1999.
- CARDOSO, L. Construindo a memória do regime de 64. In. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 14, n. 27, 1994.
- FOLHA DE S.PAULO. *1ª página: 1925-1985*. São Paulo: Folha da Manhã, 1985.
- FOLHA DE S.PAULO. O século da imagem. São Paulo: Folha da Manhã, 9 dez. 1999.
- ISTO É SENHOR. São Paulo: Editora Três, 1989.
- JUNQUA, Daniel e LAZER, Marc (dir). *Dossiers e documents du Monde*. L'histoire au jour le jour. Paris, Le Monde, 1986. Tome III, Les printemps éphémères.
- MANCHETE. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1968-1969.
- MANCHETE. Retrato do Brasil. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1968.
- MANCHETE. Nº especial. Rio de Janeiro: Bloch Editores, ago. 1969.
- MANCHETE. Progresso do Brasil. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1969.
- MANCHETE. Rio de Janeiro: Bloch Editores, n. 1000, 19 jun. 1971.
- MANCHETE. Rio de Janeiro: Bloch Editores, n. 1445, 29 dez. 1979.
- MANCHETE. Rio de Janeiro: Bloch Editores, n. 2000, ago. 90.
- NORA, P. Entre memória e história - a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo, *Projeto História*, n. 10, dez. 1993.
- SILVA, Ana Cristina Teodoro da. *Temporalidades em imagens de imprensa*. Capas de revistas como signos de olhares contemporâneos. Maringá: Eduem, 2011.
- SONTAG, S. *Ensaaios sobre fotografia*. Tradução de José Afonso Furtado. 5. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.
- TODOROV, T. *A conquista da América*. A questão do outro. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- VEJA. São Paulo: Editora Abril: 1968, 1969 e 1989.
- VEJA. São Paulo: Editora Abril, n. 262, 12 set. 1973.
- VEJA. São Paulo: Editora Abril, n. 523, 13 set. 1978.
- VEJA. São Paulo: Editora Abril, n. 37, 14 set. 1988.



VEJA. 25 anos – retrospectiva de um quarto de século. São Paulo: Editora Abril, n. 1311, 27 out. 1993.

VEJA. Especial 30 anos. São Paulo: Editora Abril, n. 42, 1998.

VEJA. Especial do Milênio. Tradução de Pedro Maia. São Paulo: Editora Abril, n. 51, dez. 1998.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, n. 51, 22 dez. 1999.